

A CARTILHA DOS INVERTEBRADOS

Etnólogo lança um estudo sobre a presença dos adutores no folclore nordestino

A Editora Massangana, da Fundação Joaquim Nabuco, lança no mercado livreiro mais uma produção do etnólogo Mário Souto Maior, sob o título de "*O Puxa-Saco - Aqui. Ali e Acolá*". O livro se encontra nas livrarias do Recife, tem capa elaborada por Rosângela Mesquita, contém vinte e quatro capítulos reunidos em 146 páginas de criterioso levantamento dos diferentes aspectos do folclore onde enfoca com destaque a figura tradicional dos personagens que não perdem a oportunidade em adular os superiores na busca de favores pessoais ou de interesses mesquinhos.

Para Mário Souto Maior o primeiro e um dos mais notáveis puxa-sacos da História do Brasil foi nada menos que o Pero Vaz de Caminha que, ao escrever a carta relatando a descoberta do Brasil ao rei de Portugal, logo tratou de beijar a mão do monarca para em seguida solicitar o "favor" de deslocar o genro da ilha de São Tomé (na África) para a nova colônia. "Terra-em-que-se-plantando-de-tudo-dá".

O etnógrafo fala sobre a sua obra e as suas idéias produzidas no campus de Apipucos.

Diário de Pernambuco - Que tipo de puxa-saco o senhor destacaria na História do Brasil?

Mário Souto Maior - Minhas pesquisas voltam-se para assuntos que ainda não foram explorados. Não é que eu queira ser "o tampa" mas fazer um trabalho sobre Lampião já não tem graça nenhuma. Afinal, muita coisa já foi escrita sobre este tema. Então você não vai ter mais nada que dizer a não ser compilar, juntar um ou outro pequeno detalhe porque na essência tudo já foi dito e pesquisado. O meu trabalho equivale à idéia de abrir caminho para outros pesquisadores. É como uma lembrança de certos temas que ainda ninguém penetrou. Foi por isso que desvendei o personagem internacional do "puxa-saco". Todas as línguas têm um nome para a figura do puxa-saco. A impressão que tenho é que Pero Vaz de Caminha foi o primeiro puxa-saco na História do Brasil. Ele beijou a terra, a mão do rei e foi logo aproveitando para pedir a transferência, um emprego para o genro que estava em São Tomé e ele o fez vir para o Brasil. Naturalmente é um tema que pode despertar outros pesquisadores que abordarão o problema sob outro prisma, sob outro enfoque, e assim por diante.

DP - Na História Universal o senhor apontaria outro puxa-saco?

MSM - Eu não sou forte em História Universal, mas sei que há puxa-sacos na História de todos os povos.

DP - O pior puxa-saco seria o que assedia o poder?

MSM - É na política onde vamos encontrar a maior quantidade de puxa-sacos. Nesta área é todo mundo querendo agradar os chefes para conseguir nomeação, uma transferência e uma coisa qualquer em seu benefício.

DP - Como surgiram os seus livros?

MSM - Como qualquer brasileiro, que de médico, de louco e de poeta cada um de nós temos um pouco, o meu primeiro livro foi de poemas: *Meus Poemas Diferentes*, publicado em 1938, quando eu tinha 18 anos. Ali os poemas não têm nada de diferentes, a não ser para mim mesmo.

Os poemas que juntei nesse livro são o retrato de minha vida sentimental de um jovem cheio de sonhos... pensando alto e finalmente procurando me encontrar.

DP - Quem o influenciou a dedicar-se ao estudo folclórico?

MSM - Comecei a descobrir o mundo maravilhoso do folclore através da convivência com Gilberto Freyre, Mauro Mota, Silvio Rabello, Sebastião Vila Nova, Renato Carneiro Campos e por intermédio de Waldemar Valente passei a ler e estudar a cultura popular. Sem dúvida, Luís da Câmara Cascudo, o papa do folclore em todo o país, foi o principal incentivador.

DP – Como o sr. analisa a dinamicidade do folclore?

MSM - A dinamicidade do folclore tem o seu limite, não implica na sua descaracterização, embora se saiba que ele sofre as influências das mudanças nos costumes do povo. Por exemplo, antigamente o tecido usado era chita em manifestações como pastoril, bumba-meu-boi etc. Hoje não se fabrica mais chita, então tem que se usar outro tecido. Antigamente todo sapato era de couro, depois surgiu o plástico e agora estamos entrando na era do tênis. Só está dentro dos cânones da modernidade quem usar um tênis. Por aí se vê que a dinamicidade só não funciona quando há uma descaracterização, o que não se enquadra nos exemplos acima. Acontece que muita gente da capital pensa que o traje de matuto é uma roupa quase de palhaço cheia de remendos, quando na realidade o homem do interior usa a sua melhor roupa para as festas. E isso não é exemplo nem de dinamicidade, nem de modernidade, mas da falta de informação. Só isso.

Fonte: *Diário de Pernambuco*, Recife, 13 jul. 1993.